



DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v11i1.274>

## **PALAVRAS QUE PRECISAM SER DITAS: planejamento e escrita na Graduação e Pós-Graduação**

## **WORDS THAT NEED TO BE SAID: planning and writing in Undergraduate and Graduate Studies**

Eduardo Cristiano Hass da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir de um conjunto de reflexões realizadas em palestras e comunicações proferidas em diferentes eventos, voltados para graduandos, graduandas, pós-graduandos e pós-graduandas, o presente ensaio analisa a importância do planejamento e da escrita na Graduação e na Pós-Graduação. O texto inicia apresentando um panorama geral do cenário das universidades e do ensino superior no Brasil. Na sequência, apresento e discuto elementos relacionados ao planejamento como uma forma de (re)existência na Graduação e/ou Pós-Graduação, articulando cinco grandes eixos de estratégias para planejar: escrita da monografia, dissertação ou tese; socialização e reconhecimento pelos pares; colaboração institucional; função social e militância e; perspectiva de futuro. O primeiro eixo recebe atenção especial, contando com discussões direcionadas para estudantes dos diferentes níveis do ensino superior. As reflexões apresentadas fundamentam-se em diferentes pensadoras e pensadores da Educação, da História e da Filosofia. As considerações finais apontam o planejamento como uma contribuição para o processo de escrita de monografias, dissertações e teses, bem como uma forma de re(existência) na universidade.

**Palavras-chave:** Planejamento. Ensino superior. Escrita.

**Abstract:** From a set of reflections carried out in lectures and communications given at different events, aimed at undergraduates and graduate students, this essay analyzes the importance of planning and writing in undergraduate and postgraduate courses. The text begins by presenting an overview of the scenario of universities and higher education in Brazil. Next, I present and discuss elements related to planning as a form of (re)existence in Undergraduate and/or Graduate Studies, articulating five main axes of strategies to plan: writing a monograph, dissertation or thesis; socialization and peer recognition; institutional collaboration; social function and militancy and; perspective of the future. The first topic receives special attention, with discussions for students from different levels of higher education. The reflections presented are based on different thinkers of Education, History and

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: [eduardohass.he@gmail.com](mailto:eduardohass.he@gmail.com)

Philosophy. The final considerations point to planning as a contribution to the writing process of monographs, dissertations and thesis, as well as a form of re(existence) in the university.

**Keywords:** Planning. Higher education. Writing.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, fui convidado para participar de diversos eventos acadêmicos<sup>2</sup>, voltados tanto para a Graduação quanto para a Pós-Graduação, para abordar duas temáticas que, de forma geral, despertam interesse em todos que se aventuram por esses espaços: planejamento e escrita.

Uma pesquisa simples pelos sítios eletrônicos demonstra resultados significativos para o planejamento de Programas de Pós-Graduação, planejamento didático e planejamento da escrita acadêmica. No entanto, ao aprofundarmos o olhar em direção a esses resultados, observaremos a quase inexistência de trabalhos acadêmicos que abordem o planejamento cotidiano da vida de graduandos e graduandas, bem como de pós-graduandas e pós-graduandos. Dessa forma, tendo o objetivo de analisar a importância do planejamento e da escrita na Graduação e na Pós-Graduação, o presente ensaio contribui para superar essa lacuna nas discussões sobre planejamento.

Para tanto, o texto inicia discutindo algumas questões gerais sobre a emergência e a história do Ensino Superior no Brasil, atentando para o processo de ampliação do acesso às universidades por meio de diferentes programas e políticas, que permitiram que

sujeitos de diferentes grupos sociais adentrassem na Universidade. Na sequência, apresento e discuto o planejamento como uma forma de re(existência) na Graduação e na Pós-Graduação, propondo algumas estratégias de organização para as e os estudantes.

No decorrer das reflexões, introduzo alguns conceitos e argumentos de pensadoras e pensadores da Educação, História e Filosofia. As considerações são modestas, apontando algumas possibilidades de utilização do planejamento ao longo da jornada acadêmica, bem como da incorporação de experiências pessoais na escrita da monografia, dissertação ou tese.

## 2 CONTEXTOS: A EMERGÊNCIA E OS CENÁRIOS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

A universidade é uma instituição historicamente criada, cuja emergência pode ser identificada entre os séculos XII e XIII, na Europa Medieval (Loyn, 1997; Bastos, 2006 *apud* Le Goff, 2006, p. 2). No Brasil, quando comparada à Europa e aos países da América Latina, a criação da Universidade é tardia. Apesar das primeiras experiências do ensino superior em cátedras datarem do início do século XIX, organizadas a partir da vinda da família real portuguesa para o Brasil, a

<sup>2</sup> Dentre os quais, destaco: Palestra “A Graduação acabou, para onde vou? Reflexões sobre a inserção profissional de historiadores e historiadoras”, proferida na Semana Acadêmica Integrada 2019: O Mundo evolui quando compartilhamos conhecimento (FEEVALE, 2019); Comunicação “Trajetórias Acadêmicas e vivências no PPGEDU”, proferida na XX Semana Acadêmica do PPG em Educação 'Pandemia, Educação e Pesquisa: desafios e vias possíveis (UNISINOS, 2021). Palestra “Estudar para reivindicar o que é nosso?: por uma defesa da universidade [pública] brasileira”, proferida no Ciclo de Palestras do CEUE Pré-vestibular (CEUE, 2022); entre outras.

institucionalização das Universidades ocorre apenas a partir de 1920 (Morosini, 2011).

A vinda da família real portuguesa para o Brasil levou a uma série de modificações na sociedade colonial, inclusive na esfera educativa (Silva; Figueiredo; Silva, 2020). Dentre essas modificações, destaca-se a autorização para a criação dos Cursos Superiores Isolados, bem como para a criação de cursos profissionalizantes. As primeiras experiências do ensino superior foram inspiradas no modelo francês, voltadas para as elites da então colônia em transformação, destacando-se os cursos de Medicina, Engenharia, Direito e Agricultura (Morosini, 2011).

De forma geral, essa estrutura do Ensino Superior se manteve até 1920, quando foram criadas as primeiras universidades. Os anos 1920 são marcados por diversas reformas educativas (Moraes, 2000), dentre as quais destaca-se a criação de faculdades e instituições superiores. O caráter elitista do ensino superior pode ser destacado quando observamos que, em 1933, apenas 0,05% da população brasileira tinha acesso a Cursos Superiores (Morosini, 2011).

Entre os anos 1930 e 1968, a Universidade pode ser entendida como uma justaposição de cursos Superiores, destacando-se alguns momentos, como as reformas educacionais e o Estatuto da Universidade Brasileira nos anos 1930; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961, que estabeleceu o currículo mínimo dos cursos; e a tendência à tecnicização das universidades brasileiras a partir da ditadura militar instalada com o golpe de 1964 (Morosini, 2011).

A partir de 1968, a Universidade passou por um processo de modernização, e os cursos superiores passaram a se tornar universidades. A

Reforma Universitária de 1968 estabeleceu conteúdos técnicos em vez de políticos; estabeleceu relações entre universidades e atividades empresariais e apresentou a relação entre ensino, pesquisa e extensão. Apesar de investir em alguns programas de Pós-Graduação, o regime ditatorial também perseguiu de forma sistemática alunos, professores e instituições educativas, além das ações de censura (Morosini, 2011).

As universidades brasileiras adentraram o século XXI dentro de um processo de internacionalização do Ensino Superior, o qual é marcado pela influência de organismos internacionais, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), bem como pela intensificação do neoliberalismo na educação. Dentro desse cenário, o ensino superior ainda é voltado para a população mais rica, sendo que, até 2004, dos 10% mais ricos, 23,4% estavam no Ensino Superior, enquanto dos 40% mais pobres, apenas 4% estavam matriculados no Ensino Superior (Morosini, 2011).

Embora tenha dado continuidade ao projeto neoliberal da educação, os governos progressistas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foram responsáveis pela significativa democratização do acesso e permanência no Ensino Superior. Ao longo dos seus governos, observamos a ampliação do papel do Estado em relação ao Ensino Superior, programas de viabilização do acesso gratuito às universidades privadas, reservas de vagas nas Instituições Federais de Ensino Superior e a ampliação de financiamentos (Morosini, 2011; Carvalho, 2014). Dentre os programas do governo Lula, merece especial atenção o Programa Universidade para Todos (Prouni), do Ministério da Educação, o qual “oferece bolsas de estudo, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior” (Brasil, [2023]), sendo

que, “para concorrer às bolsas integrais, o estudante deve comprovar renda familiar bruta mensal, por pessoa, de até 1,5 salários-mínimos. Para as bolsas parciais (50%), a renda familiar bruta mensal deve ser de até 3 salários-mínimos por pessoa” (Brasil, [2023]).

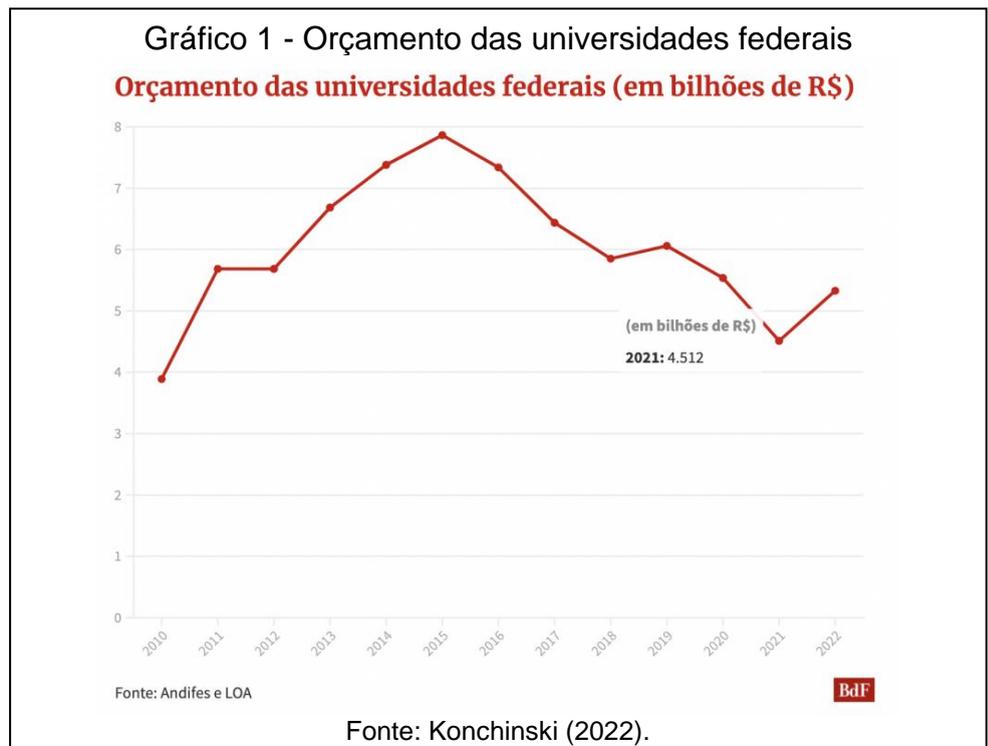
Conforme aponta Carvalho (2014), as políticas do Governo Lula permitiram o ingresso de novos sujeitos nas universidades brasileiras, provenientes de diferentes grupos sociais e econômicos. Além da democratização por grupo socioeconômico, a autora destaca ainda a ampliação da população negra nas universidades brasileiras. Em 1992, a taxa de escolarização líquida na educação superior era de 7,2% para pessoas brancas e 1,5% para pessoas autodeclaradas negras. Em 2009, essa taxa passa a ser de 21,3% para pessoas brancas e 8,3% para pessoas autodeclaradas negras (Carvalho, 2014).

Dentro desses contextos e cenários, observamos a ampliação da diversidade de grupos ingressantes nas universidades brasileiras, seja na Graduação ou na Pós-Graduação. Alunas trabalhadoras e alunos trabalhadores, alunas bolsistas e alunos bolsistas começaram a ocupar espaços até então historicamente destinados a grupos mais abastados. Após o processo de ampliação no acesso e permanência no ensino superior característicos dos governos Lula e Dilma, o Brasil passa por um processo de retrocesso na esfera educativa, sobretudo a partir da eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República. De

forma geral, a atuação de Jair Bolsonaro nas questões educativas foi marcada pela polêmica (Silva; Reis, 2020), com ataques constantes à universidade, em especial a pública.

Ao longo do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), proliferaram os pedidos de socorro das universidades: “Além da UFRJ, outras universidades correm o risco de fechar por falta de verba” (Martins, 2021); “‘Situação é muito grave’, diz reitor da UFRN após bloqueio de R\$ 3,8 milhões no orçamento” (‘Situação [...], 2022); “Diminuição no orçamento pode ameaçar a manutenção das instituições” (Meneses; Lopes, 2022).

Ao longo dos quatro anos de governo, foram constantes os cortes no orçamento das universidades públicas. Houve diversos bloqueios ao longo dos anos, acarretando em uma tentativa de sucateamento das instituições públicas. Na sequência, o gráfico, extraído do site de notícias e radiogênia Brasil de Fato (online), apresenta o orçamento das universidades federais, em bilhões, entre 2010 e 2022:



Conforme podemos observar no gráfico, de 2010 para 2011, houve um aumento de quase dois bilhões de reais em investimento nas universidades. Após um período de estagnação entre 2011 e 2012, é possível observar o aumento constante de 2012 a 2015. De 2015 a 2018, ocorreu um declínio, que parece ter sido interrompido, mas é retomado e acentuado a partir de 2019.

Além dos ataques materiais, como o sucateamento das universidades federais, também observamos uma série de ataques simbólicos que tentaram desqualificar as instituições públicas e as políticas voltadas para o ingresso no ensino superior, como o Prouni e o SisU. Além das declarações do presidente, alguns de seus ministros também atacaram as instituições de ensino superior, como o ex-ministro da Economia, Paulo Guedes, e o ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub<sup>3</sup>.

Em meio a esse cenário de ataques à educação, o acesso ao ensino superior, tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação, torna-se mais uma vez incerto. Além disso, a necessidade de conciliar trabalho, família e universidade levanta questões importantes: como conciliar trabalho e universidade? Como articular atividades domésticas e familiares com a dedicação à universidade? Este texto se dirige àqueles que fazem tais questionamentos. Sem a intenção de apresentar uma receita ou fórmula a ser aplicada, são traçadas algumas reflexões que poderão auxiliar aqueles que se aventuram nas universidades.

### 3 PLANEJAMENTO COMO INSTRUMENTO DE (RE)EXISTÊNCIA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS-GRADUAÇÃO

Como preparar-se para a realização de um curso de Graduação, considerando os diferentes tempos de duração e suas particularidades? Como planejar dois anos de Mestrado ou quatro anos de Doutorado (tempo médio dos cursos)? É válido investir tanto tempo de nossas vidas na educação, em meio ao cenário contemporâneo? Tenho observado que essas são perguntas centrais para muitas graduandas e graduandos, bem como para pós-graduandas e pós-graduandos. Sem a intenção de culpabilizar os estudantes pelo cenário nacional, tenho arriscado dizer que um dos elementos centrais para esses questionamentos está na capacidade de planejar.

De forma geral, é importante considerarmos que a realização de um curso de Graduação ou Pós-Graduação não se resume apenas à produção e apresentação de uma monografia, dissertação ou tese. Esses espaços formativos são muito mais complexos, contando com outros momentos, como o cumprimento de créditos em componentes curriculares, participação em atividades de pesquisa e extensão, leituras, avaliações, encontros e desencontros, entre outros. Dessa forma, entender o ato de planejar não apenas como uma forma de organização, mas também como uma forma de resistência às demandas e atividades que, muitas vezes, não nos permitem aproveitar a intensidade de cada momento.

Embora alguns Programas de Pós-Graduação (PPG) solicitem que as e os discentes apresentem um planejamento das atividades a serem realizadas ao

<sup>3</sup> Sugere-se a leitura de “Os filhos de porteiros que chegaram à universidade têm um orgulho que o ministro Paulo Guedes ignora” (Alessi; Oliveira, 2021) e “Universidades desnudam fake news de Weintraub” (AdUFRJ, 2019).

longo dos dois anos de Mestrado ou quatro de Doutorado, essa não é uma prática generalizada nos PPGs e menos significativa nos cursos de Graduação.

Sugiro que esses planejamentos de atividades ou planos de trabalho sejam entendidos como uma oportunidade de organização dos anos que estão por vir. Para explicitar o que entendo por planejamento, retomo algumas palavras escritas pela professora e pesquisadora Sandra Corazza (1997, p. 127), que afirma que “propor um planejamento é produzir uma visão política e um espaço de luta cultural”, sendo que, “omitir-se em propor um planejamento é renunciar a esse espaço e àquela visão. É ir para a disputa desarmado, sem estratégias, sem táticas e sem instrumentos (a não ser, evidentemente, os da situação)” (Corazza, 1997, p. 125).

Nos trechos destacados, Corazza (1997) refere-se ao planejamento de ensino, aquele a ser realizado por professoras e professores. No entanto, tomo a liberdade de aplicar suas reflexões para pensarmos o planejamento formativo, seja na Graduação ou na Pós-Graduação. Dessa forma, ao propormos um planejamento do percurso a ser seguido, estamos apropriando-nos de uma visão política de sociedade, preparando-nos para lidar com os desafios deste percurso, sejam eles pessoais ou sociais<sup>4</sup>. Nesta perspectiva, planejar o percurso formativo permite que a e o discente tenha estratégias e táticas para lidar com as situações que surgem no seu caminho, buscando formas de superar obstáculos e atingir seus objetivos.

Nesse momento, acredito ser importante questionarmos: como transmitir de forma didática a importância deste instrumento na Graduação e na Pós-Graduação? Foi nas palavras de

outra pesquisadora que encontrei uma forma direta e, ao mesmo tempo, didática de responder a esta pergunta:

Para que o seu tempo se encontre com o meu tempo, é preciso que desembrulhemos uma palavra adorada pelas administradoras e pelas professoras de pesquisa – ‘planejamento’. [...] para cada um dos momentos da produção acadêmica, precisamos determinar prazos. Por isso, a unidade básica de planejamento é o ‘uso do tempo’ (Diniz, 2013, p. 42).

Em *Carta de uma orientadora: O primeiro projeto de pesquisa*, Débora Diniz (2013), sem a intenção de escrever um tratado de metodologia, apresenta questões basilares sobre a pesquisa para futuras orientandas e orientandos. Dentre os elementos destacados pela autora, encontra-se o planejamento, compreendido como fundamental para que os tempos da orientadora e do orientador estejam alinhados com os tempos das orientandas e orientandos.

Sem desconsiderar a importância das discussões apresentadas pela autora, acredito que outros aspectos são cruciais para o planejamento na Graduação e, especialmente, na Pós-Graduação. Para apresentar estes tempos, tomo a liberdade de recorrer à parte da minha tese de Doutorado, a qual chamei de “POSFÁCIO OU, DEPOIS DE PRONTO” (Silva, 2020).

### **3.1 “Posfácio ou, Depois de Pronto”: apontamentos para o planejamento na Graduação e Pós-Graduação**

Nas primeiras páginas de teses, dissertações e monografias, tradicionalmente encontramos as informações “tese / dissertação / monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutor / mestre / bacharel ou

<sup>4</sup> Na sequência do texto abordarei alguns dos desafios sociais que podem e devem ser considerados nos planejamentos de alunas e alunos em formação.

licenciado em”. Se a entrega do texto final corresponde a um dos requisitos para a obtenção do título, pode-se concluir que outros requisitos também foram necessários. Considerando o tempo de formação e a abrangência, tomo por base alguns dos requisitos para o título de doutora ou doutor, como créditos cursados, provas de proficiência em línguas estrangeiras, estágios, docência, entre outros.

Apesar da importância dessas atividades formais, acredito que elas por si só não conseguem expressar o esforço dedicado ao longo de quatro anos de dedicação a um curso de Doutorado. Mesmo sabendo que não cabem em nenhum texto todas as experiências vividas, o posfácio da minha tese (Silva, 2020) teve o objetivo de registrar parte destas atividades, demonstrando que o dinheiro público investido nesta formação não se resume às páginas do texto final de uma tese.

Mas a que dinheiro público estou falando? Conforme destaquei nos contextos anteriormente apresentados, um conjunto de políticas afirmativas e investimentos, característicos dos governos Luiz Inácio Lula da Silva, permitiu que grupos até então excluídos tivessem a oportunidade de adentrar nas universidades públicas e privadas do Brasil. Importa destacar aqui que, enquanto parte dos grupos economicamente menos favorecidos, toma minha formação de seu por dentro destas políticas ou através de bolsas de fomento à pesquisa: PROUNI na Graduação; bolsa CAPES no Mestrado e bolsa do CNPq no Doutorado. Dessa forma, algumas estratégias adotadas para a (re)existência na universidade serão abordadas aqui como elementos do planejamento.

Para apresentar essas estratégias, proponho pensá-las em cinco grandes eixos, sendo eles: escrita da dissertação

ou tese; socialização e reconhecimento pelos pares; colaboração institucional; função social e militância; e perspectiva de futuro. Certamente estas atividades estão imbricadas, sendo que estes eixos se encontram e se sobrepõem. Na sequência, apresentarei cada um deles.

### 3.2 Escrita da dissertação ou tese

Sem a intenção de apresentar uma receita ou um manual sobre escrita, proponho quatro elementos centrais para se pensar a escrita acadêmica voltada para a produção de uma tese, dissertação ou mesmo monografia. Esses quatro elementos estão diretamente relacionados ao meu processo de escrita, mas acredito que podem oferecer algumas possibilidades de apropriação.

Inicialmente, destaco que, *para escrever, é preciso ler e, para ler, é preciso escrever*. Hoje, na condição não mais de doutorando, mas de professor que se torna orientador, tenho dito aos meus orientandos e às minhas orientandas algo que sempre foi muito potente para minhas escritas: não se consegue escrever sem ler. Seja uma monografia, uma dissertação ou uma tese. Indiferentemente da área do saber, é preciso que tenhamos nosso arquivo, no qual possamos recorrer, vasculhar e procurar por elementos que permitam a construção de nossas narrativas.

Mas o que ler? O que faz sentido ser lido para a construção da minha escrita? Recorro a um autor que me auxilia a propor algumas respostas para essas perguntas. Em *Como se escreve a História: Foucault revoluciona a História*, Paul Veyne (1982, p. 126) afirma que:

A experiência histórica é, pois, composta de tudo que um historiador pode aprender aqui e ali em sua vida, em suas leituras e em sua convivência com outrem. Também não é de se espantar que não existem dois historiadores ou dois clínicos que

tenham a mesma experiência, e que discussões sem fim sejam frequentes à cabeceira do doente.

A partir desse trecho, destaco a importância de nossas experiências pessoais, profissionais, acadêmicas, entre outras, para que seja possível a escrita. Dessa forma, é importante que o discente leia no sentido mais amplo do termo: artigos científicos, teses, dissertações, livros. Também é importante que assistam filmes, séries ou documentários, visitem exposições, sítios patrimoniais, templos, ouçam músicas, mantras, etc. Essas experiências são fundamentais para a composição do arquivo de cada um e cada uma.

Para além da realização das leituras, é importante estarmos atentas e atentos para formas de sistematizá-las. Embora entenda que não existe uma forma única de sistematização, entendo que alguns pontos merecem ser considerados. Questiono-se: como eu aprendo? Conforme aponta Diniz (2013, p. 47),

Há pessoas que só gostam de ler em casa, vestindo pijama. Outras preferem responder a mensagens ou realizar pesquisas bibliográficas em cafés ou bibliotecas. Há uma geografia da produção intelectual que é singular para cada um de nós: faça um esforço para descobrir como irá ocupar esses diferentes espaços no tempo de que dispõe.

Nessa perspectiva, tente descobrir qual é a sua “geografia de produção intelectual” e, a partir dela, recorra a formas de sistematização das suas leituras, dentre as quais podem estar fichamentos, mapas conceituais<sup>5</sup>, gravando áudios, entre tantas outras.

O segundo elemento que gostaria de apontar consiste na dicotomia de que escrever é um processo solitário/coletivo. Escrever é um processo solitário, mas

também coletivo. Quando estudante, constantemente ouvia pelos corredores e pelas salas de aula as exclamações de alguns colegas, que afirmavam estar em um desses dois opostos: Escrever é extremamente solitário! Escrever é um processo colaborativo, de construção coletiva!

Sem cair em nenhum dos extremos, gostaria de pensar que escrever encontra-se entre ambos e, ao mesmo tempo, em ambos. Embora nosso arquivo seja constituído por experiências coletivas, embora tenhamos o suporte dos autores e autoras que nos antecederam e, embora tenhamos o apoio de nossos orientadores e orientadoras, a escrita em si é um encontro com o “eu” de cada um de nós.

Para escrever, precisamos adentrar ao nosso arquivo e selecionar aqueles elementos que farão parte da nossa narrativa. Esse movimento só pode ser feito por cada um de nós, pois ninguém melhor do que eu mesmo para vasculhar meu arquivo. Escrever é direcionar tempo para esse processo, é fazer afastamentos.

Porém, escrever também é um processo coletivo. Nosso arquivo é composto por experiências construídas pela e na sociedade, no contato com o outro e com os outros. Além disso, é fundamental contarmos com o auxílio, com a colaboração dos pares neste processo. Porém, gostaria de fazer um alerta: é importante buscar leitores para além dos espaços institucionalizados.

Penso que, muitas vezes, os espaços coletivos legitimados pela própria academia são espaços que contam com alguns egos inflados, com pessoas mais (ou que se julgam mais) experientes e que tentarão nos desestruturar. Em alguns momentos, esse coletivo pode ser traumático e deixar marcas negativas.

<sup>5</sup> Para saber mais sobre os mapas conceituais, sugiro o texto *Mapas conceituais como facilitadores de aprendizagem*, de autoria de Lincoln Mansur Coelho e Adílio Jorge Marques (2020).

Escutar críticas é fundamental para nosso processo de escrita, mas não somos obrigados a lidar com a arrogância acadêmica. Se me fere, não me permite escrever. Busque leitores outros, leitores diversos. Busque aquelas e aqueles em quem você confia. Compartilhe rascunhos, anotações e textos melhor elaborados. Escrever é um processo individual e coletivo, mas também está entre ambos. É preciso saber se deslocar entre os polos, buscando pontos intermediários.

O terceiro elemento a ser destacado é que o processo de escrita pode ser libertador, mas também traumático. Quando escrevemos nossos textos, temos a oportunidade de expressar o que pensamos, de colocar autores que nunca se encontraram (ou nem sequer viveram no mesmo período) em contato. Conforme aponta Débora Diniz (2013), nos tornamos autores e autoras, e carregaremos sempre conosco essas reflexões.

O sentimento de formular uma tese, de encontrar lacunas no conhecimento, de contrapor ideias é libertador, na medida em que nos permite identificar formas de contribuir com o conhecimento científico<sup>6</sup>. Escrever nos permite concretizar o entendimento das relações de poder que perpassam nossas temáticas e objetos e/ou sujeitos de pesquisa, nos permite apontar novas reflexões e caminhos para pesquisas futuras.

Apesar desse sentimento de liberdade, a escrita também pode proporcionar ou evocar traumas. Muitas vezes somos pressionados por prazos, por uma lógica produtivista, por uma necessidade de agregar ou excluir elementos do nosso arquivo, expostos a situações desagradáveis, entre tantas

outras.

É cada vez maior o número de graduandos, mestrandos e doutorandos que precisam de terapia ou ajuda medicamentosa para lidar com a escrita. Muitas vezes somos cerceados de falar a respeito desses traumas, sendo forçados e forçadas e fingir que eles não existem. A falta de empatia faz com que muitos não saibam se colocar no lugar de quem escreve. Recorro aqui ao coletivo (mas ao coletivo afetivo), como um ponto de encontro e reencontro para a escrita.

Por último, mas não menos importante, destaco a necessidade de pensar a escrita acadêmica para além das nossas teses, dissertações ou monografias. Certamente a escrita final, resultante de anos de pesquisa, é um momento muito importante. Porém, tenho dito em vários momentos que a tese – por exemplo - é apenas uma parte do Doutorado, mas não corresponde ao processo inteiro.

Possivelmente muitas e muitos de nós ouviremos que precisamos “centrar” na tese, deixar de lado outras produções e experiências para a dedicação exclusiva a esse texto. Sem a intenção de negar essas indicações, uma vez que a dedicação para a escrita é fundamental, eu diria que precisamos ser transgressoras e transgressores. Acredito que podemos transgredir, buscar táticas que nos permitam outras experiências.

Tenho a impressão de que, cada vez mais, ao final de suas dissertações e teses, chegam mestres e doutores hiperespecialistas em uma temática ou, de forma ainda mais reduzida, em seu objeto de análise. São constantes os casos em que, ao recorrermos aos anais de eventos, identificamos produções muito parecidas, com pequenas alterações, sobre a

<sup>6</sup> Conforme destaquei anteriormente, esse texto não tem a intenção de ser um manual de metodologia de pesquisa. Caso a leitora ou o leitor tenha interesse em refletir sobre o processo de construção metodológica de uma pesquisa, sugiro, dentre tantas leituras possíveis, o livro *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*, de Sérgio Vasconcelos de Luna (2011).

temática de pesquisa.

Defendo que, apesar da importância do domínio de temas e assuntos específicos, não podemos dar as costas para o meio em que estamos inseridos. Um olhar atento, detetivesco, encontra uma série de problemas e/ou questões que merecem atenção. Dessa forma, escrever academicamente não é escrever apenas sobre o tema de nossas teses, dissertações ou monografias, mas escrever sobre temas outros, temas que emergem ao nosso redor.

### **3.3 Socialização e reconhecimento pelos pares**

Ao refletir sobre o ofício do historiador, Antoine Prost (2015) destaca que o mesmo requer o reconhecimento por parte dos pares, seja em eventos científicos ou em textos escritos e publicados. Atrevo-me a tomar a colocação do autor e a generalizá-la para todos os cientistas. Desta forma, não basta apenas a escrita de uma tese, dissertação, monografia e a obtenção do diploma. É preciso que os profissionais da área reconheçam e validem os trabalhos realizados e os resultados apresentados. É dentro desta lógica de produção e divulgação da ciência que se encontram as atividades de socialização e reconhecimento pelos pares.

Desta forma, sugiro que, além da escrita da dissertação ou tese, o planejamento de cada um tenha um espaço reservado para participações em eventos acadêmicos, apresentações de trabalhos, comunicações e palestras, organização de eventos, publicações de textos em capítulos de livros, artigos ou anais de eventos. Acredito que, em relação às produções escritas, os artigos científicos podem ser um espaço privilegiado de julgamento pelos pares, no qual seu aceite e publicação estarão condicionados à avaliação de

pesquisadores da área. Estas publicações possibilitam ampliar os horizontes de pesquisa, permitindo investigações que ultrapassam a temática restrita da tese defendida.

### **3.4 Colaboração institucional**

Dentro do eixo da colaboração institucional, destaco a possibilidade de realizar atividades junto às universidades que, muitas vezes, podem surgir de forma repentina. Algumas das atividades de colaboração institucional incluem colaboração técnica em periódicos científicos, participação em comissões, organização de eventos acadêmicos, aulas temáticas, etc.

É importante destacar ainda que, dentro do processo de avanço do neoliberalismo, muitas universidades têm demitido funcionários que são fundamentais para o andamento e a manutenção das atividades administrativas. Embora os discentes sejam coibidos de falarem sobre isso, é possível que venham a exercer atividades que, muitas vezes, estavam a cargo de secretários e secretárias. Estejam atentos a essas questões.

### **3.5 Função social e militância**

No quarto eixo, destaco um conjunto de atividades que chamaria de função social e militância. Em um contexto recente, no qual a COVID-19 assolou, aliado ao (des)governo do já citado Jair Bolsonaro (Silva; Reis, 2020) e com uma política de morte abertamente instalada, com professores e professoras tendo que utilizar suas casas para criar verdadeiros estúdios em paralelo aos cortes de salário promovidos sobretudo pelo governo estadual, ousaria dizer que não podemos “apenas escrever nossas teses” ou ficarmos sentados diante de *lives* e outros eventos. É preciso militar, criticar e, para

além de notas de repúdio, agir.

Sendo assim, sugiro que esse planejamento tenha um espaço para atividades voltadas para a função social e militância, uma vez que, caso contrário, ao sairmos com nossos diplomas, não tenhamos sequer onde utilizá-los.

Entendendo o termo militância como sinônimo de luta por uma causa ou como desejo de transformação social, acredito que ações militantes podem fazer parte do processo formativo, em paralelo às atividades de função social mais diretas. Sugiro que, em paralelo às leituras e à escrita da tese, participem ativamente de manifestações pela manutenção da democracia, pelos investimentos em educação, pelos direitos humanos, entre tantos outros temas necessários. Escrever uma tese, dissertação ou monografia em meio ao retrocesso político não é tarefa fácil, pois as expectativas de futuro são frustradas e muitos sonhos questionados. Neste contexto, sair para as ruas e ocupar o espaço público se tornou uma necessidade na luta pelos direitos sociais.

### 3.6 Perspectiva de futuro

Por último, mas não menos importante, sugiro que o planejamento inclua um espaço destinado às atividades relacionadas à perspectiva de futuro. Realizar um curso de Doutorado, Mestrado ou Graduação é, também, preparar-se para a atuação profissional futura. Sugiro que, ao longo da tese ou dissertação, fiquem atentas e atentos aos concursos públicos, seleções de bolsas no exterior, etc.

Para encerrar, gostaria de destacar que esses eixos são apenas algumas sugestões, uma vez que não existe uma receita ou manual universal para produzi-los. Destaco ainda que, para além do planejado, existirão momentos únicos, bons ou ruins, que não caberão em

nenhum deles: aquele café ou almoço com os colegas que se tornam amigos, os encontros para estudos, encontros, bem como aqueles momentos que, embora muitos não compreendam, precisaremos nos afastar e cuidar da nossa saúde, seja física ou mental.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na articulação entre lembrança e esquecimento, vasculhei cada reminiscência do meu processo de escrita. Depois de buscar em anotações, textos, imagens, filmes, músicas, entre tantos outros elementos evocativos, encontrei fragmentos que foram apresentados em conjunto, cuja articulação permite uma narrativa possível sobre o planejamento e a escrita acadêmica em Educação.

Ao analisar a importância do planejamento e da escrita na Graduação e na Pós-Graduação, o presente ensaio mobilizou palavras que precisam ser ditas, mas que, muitas vezes, não o são. Sem a intenção de apresentar uma receita ou fórmula a ser seguida, apresento o planejamento como uma ferramenta potente para a sistematização do trabalho de estudantes de Graduação e Pós-Graduação.

Espero que as reflexões aqui apresentadas, resultado de muitas comunicações sobre a temática, possam ser utilizadas como ponto de apoio na organização do percurso acadêmico. Que as leitoras e os leitores possam encontrar dicas para a produção e uso de um arquivo de referências pessoais, tornando o processo de escrita mais prazeroso e produtivo. Ao mesmo tempo, almejo que a leitura dessas reflexões contribua para a permanência das e dos estudantes nas universidades, fazendo dessas instituições espaços ainda mais democráticos.

## REFERÊNCIAS

ADUFRJ. Universidades desnudam fake news de Weintraub. Rio de Janeiro, 28 nov. 2019. [Visualizar item](#)

ALESSI, Gil; OLIVEIRA, Regiane. Os filhos de porteiros que chegaram à universidade têm um orgulho que o ministro Paulo Guedes ignora. **El País**, São Paulo, 30 abr. 2021. [Visualizar item](#)

BRASIL. Ministério da Educação. **PROUNI**. [Visualizar item](#)

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. Política para a educação superior no governo Lula. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 58, p. 209-244, jun. 2014. [Visualizar item](#)

COELHO, Lincoln Mansur; MARQUES, Adílio Jorge. Mapas conceituais como facilitadores de aprendizagem. **História & Ensino**, Londrina, PR, v. 26, n. 2, p. 520-539, 2020. [Visualizar item](#)

CORAZZA, Sandra. Planejamento de Ensino como estratégia de Política Cultural. *In*: MOREIRA, Antônio Flávio B. (org.). **Currículo: questões atuais**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 103-143.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. 2. ed. Brasília, DF: LetrasLivres, 2013.

KONCHINSKI, Vinicius. Universidades federais perdem 12% do orçamento durante governo Bolsonaro. **Brasil de Fato**, Curitiba, 16 fev. 2022. [Visualizar item](#)

LE GOFF, Jacques. A cultura na idade média: as artes, as letras, o saber e o ensino. *In*: LÊ MOYEN Age explique aux enfants. tradução: Maria Helena Camara

Bastos. Paris: Seuil, 2006.

LOYN, Henry R (org.). **Dicionário da Idade Média**. tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2011.

MARTINS, Thais. Além da UFRJ, outras Universidades correm o risco de fechar por falta de verba. **Eu estudante**, Brasília, DF, 12 maio 2021. [Visualizar item](#)

MENESES, Tassia; LOPES, Daniela. Diminuição no orçamento pode ameaçar a manutenção das instituições. **Centro de Tecnologia UFRJ**, Rio de Janeiro, 25 abr. 2022. [Visualizar item](#)

MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Reformas de Ensino, modernização administrada: a experiência de Francisco Campos: anos vinte e trinta**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 2000.

MOROSINI, Marília Costa. O Ensino Superior no Brasil. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, v. 3: século XX. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 416-429.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. **Mercadores, caixeiros e contadores: a formação de profissionais do comércio e o processo de consolidação do ensino técnico comercial no Brasil (1931-1971)**. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2020. [Visualizar item](#)

SILVA, Eduardo Cristiano Hass da; FIGUEIREDO, Milene Moraes de; SILVA, Bárbara Groff da. O ensino comercial e agrícola no Brasil a partir da vinda da família real portuguesa. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, SP, v. 12, n. 28, 701-717, 2020. [Visualizar item](#)

SILVA, Eduardo Cristiano Hass da; REIS, Gabbiana Clamer Fonseca Falavignados. Avanço conservador na educação brasileira: uma proposta de governo pautada em polêmicas (2018). **Revista Cantareira**, [S./], n. 33, 2020. [Visualizar item](#)

‘SITUAÇÃO é muito grave’, diz reitor da UFRN após bloqueio de R\$ 3,8 milhões no orçamento, 2022. **G1, Rio Grande do Norte**, Natal, 29 nov. 2022. [Visualizar item](#)

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. tradução: Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1982.

**Recebido em: 06/04/2023**

**Aceito em: 20/07/2023**